

IMPACTO DA PANDEMIA DE COVID-19 NO COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS COM AUTISMO

IMPACT OF THE COVID-19 PANDEMIC ON THE BEHAVIOR OF CHILDREN WITH AUTISM

¹ Rafaela Natali Vasconcelos

² Laisa Rodrigues de Sousa

³ Nalim Christiny de Moraes Santos

⁴ Pedro Henrique Carreira Toledo Carvalho

⁵ Silvia Cristina Martini

⁶ Fabiano Bezerra Menegídio

⁷ Daieny Panhan Theodório

¹ Graduanda do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (FMUMC). E-mail: rafa.vas.ts@gmail.com.

² Graduanda do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (FMUMC). E-mail: lisaar.sousa@gmail.com.

³ Graduanda do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (FMUMC). E-mail: nalimmoraes@gmail.com.

⁴ Graduando do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da Universidade de Mogi das Cruzes (FMUMC). E-mail: pedroocarreira@gmail.com.

⁵ Pós-doutora em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (USP). Doutora em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Engenharia Elétrica pela Universidade de São Paulo (USP). Graduada em Matemática pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). E-mail: silviac@umc.br.

⁶ Doutor em Biotecnologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Mestre em Biotecnologia pela Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). Especialista em MBA em Empreendedorismo e Negócios Digitais pela Faculdade Focus (FOCUS). Especialista em Computação Forense pela Faculdade Focus (FOCUS). Especialista em Gestão da Tecnologia de Informação pela Faculdade Focus (FOCUS). Especialista em Redes Estruturadas de Computadores pelo Centro de Estudos de Especialização e Extensão (CENES). Especialista em Gestão de Riscos e Cibersegurança pelo Centro de Estudos de Especialização e Extensão (CENES). Especialista em Administração de Servidores Linux pela Faculdade Focus (FOCUS). Especialista em Segurança da Informação pelo Centro de Estudos de Especialização e Extensão (CENES). Especialista em Administração de Servidores Windows pela Faculdade Focus (FOCUS). Especialista em Computação em Nuvem e Aplicativos Móveis pelo Centro de Inovação VincIT (UNICIV). Especialista em Inteligência Artificial, Machine Learning e Data Science pelo Centro de Inovação VincIT (UNICIV). Especialista em MBA em Big Data e Inteligência na Gestão de Dados pelo Centro de Inovação VincIT (UNICIV). Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Graduado em Formação Específica em Gestão Ambiental pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). E-mail: fabianomenegidio@umc.br.

⁷ Doutora em Engenharia Biomédica (UMC), mestre em Psicologia Escolar (PUC-Campinas), especialista em Terapia por Contingências de Reforçamento (ITCR-Campinas), especialista em Neuropsicologia (UMC), Psicóloga formada pela UMC. Pós-doutoranda em Engenharia Biomédica (UMC). Leciona no curso de graduação em Psicologia na UMC e é docente/pesquisadora no curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicogerontologia do Instituto Educatie de Ensino e Pesquisa. Tem experiência na área de psicologia com ênfase em transtornos de aprendizagem, desenvolvimento típico e atípico, orientação profissional e avaliação neuropsicológica. E-mail: daienytheodorio@umc.br.

RESUMO

Introdução: os cuidadores de crianças do espectro autista (TEA) descreveram o período pandêmico de Covid-19 como desafiador, relatando piora dos problemas comportamentais de seus filhos, principalmente na comunicação, interação social e demonstração de afeto. **Objetivo:** Avaliar o impacto da pandemia de Covid-19 no comportamento de crianças do espectro autista por meio do relato dos cuidadores. **Método:** O estudo pode ser classificado como descritivo, quali-quantitativo do tipo transversal. O instrumento aplicado foi um questionário virtual de 23 questões adaptado do Inventário disponibilizado a cuidadores de crianças com autismo por meio das redes sociais. A análise estatística foi descritiva com base nos dados coletados, seguida de um teste de normalidade. **Resultados:** Foram coletadas informações sobre 33 infantes. No que se refere a interação social, as crianças com TEA apresentaram melhora na relação com os pais após a pandemia, contudo uma piora com outros indivíduos da mesma idade. A maioria dos cuidadores relatou impacto durante a pandemia, sendo a agressividade, ansiedade, comunicação, crises de choro e desenvolvimento na fala os principais aspectos apontados por eles. **Conclusão:** A pandemia de Covid-19 trouxe impactos comportamentais em crianças autistas. Neste cenário, o confinamento agravou em aspectos psicológicos, emocionais e sociais nos pacientes.

Palavras-chave: Autismo. Covid-19. Criança. Pandemia.

ABSTRACT

Introduction: Caregivers of children on the autism spectrum (ASD) described the Covid-19 pandemic period as challenging, reporting a worsening of their children's behavioral problems, especially in communication, social interaction and showing affection. **Objective:** Evaluate the impact of the Covid-19 pandemic on the behavior of children on the autism spectrum through the reports of caregivers. **Method:** A cross-sectional qualitative-quantitative study was carried out. A 23-question virtual questionnaire adapted from the Inventory was made available to caregivers of children with autism through social networks. For statistical analysis, the data collected was descriptive, followed by a normality test. **Results:** Information was collected on 33 infants. Regarding social interaction, children with ASD showed an improvement in their relationship with their parents after the pandemic, but a worsening with other individuals of the same age. Most caregivers reported an impact during the pandemic, with aggression, anxiety, communication, crying spells and speech development being the main aspects highlighted by them. **Conclusion:** The Covid-19 pandemic had behavioral impacts on autistic children. In this scenario, confinement worsened the psychological, emotional and social aspects of patients.

Keywords: Autism. Covid-19. Child. Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

Em março de 2020, três meses após os primeiros casos de COVID-19 serem notificados em Wuhan na China, a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconheceu a gravidade da

doença e a apresentou como uma pandemia, pela primeira vez, durante um discurso do diretor geral da instituição.

Panda *et al.*¹ (2021) concluíram que a pandemia de COVID-19 mostrou um relevante impacto na faixa etária infanto juvenil, que foi agravado pelas medidas de quarentena, isto porque, apesar da população infantil ser menos propensa a contrair a doença, ela está exposta aos impactos emocionais e psicológicos promovidos pelo contexto pandêmico, a exemplo do medo da própria infecção e a preocupação com o possível acometimento de seus familiares.

Além disso, os autores constatam que o crescente número de óbitos e o frequente sentimento de incerteza e medo eleva a tensão no ambiente familiar, o que pode levar muitas crianças a desenvolverem problemas comportamentais, como ansiedade, estresse, tristeza, sintomas depressivos, distúrbios do sono, medo, raiva, síndrome de estresse pós-traumático e exaustão emocional como as reações mais predominantes durante o período.

Para que haja o diagnóstico correto, é preciso que o possível paciente seja acompanhado desde o início da suspeita, com registros de características individuais e, por meio de especificadores para uma descrição clínica específica.

Grande parte dos pais de crianças do espectro autista descreveram o período de quarentena como desafiador, relatando piora dos problemas comportamentais de seus filhos (PANDA *et al.*, 2021)¹, tais como déficit na comunicação e interação social, dificuldade no estabelecimento de relacionamentos e falta de interesse em demonstrar emoção e afeto (MONTEIRO *et al.*, 2020)².

Para diminuir os danos possivelmente causados pelo isolamento, é preciso auxílio psicológico ao público infanto juvenil (ALMEIDA *et al.*, 2022)³, mas foi visto que, de maneira ampla, crianças com problemas comportamentais diagnosticados antes da pandemia necessitam de maior suporte de profissionais psiquiátricos quando comparando com outros (PANDA *et al.*, 2021)¹.

Embora os aspectos apresentados por outros estudos indiquem possíveis malefícios do cenário pandêmico à comunidade autista, há também pesquisas que apontam o isolamento e constância do ambiente como um fator reducional do estresse, assim como o aumento do sentimento de bem-estar e prazer entre esses indivíduos (ALONSO-ESTEBAN *et al.*, 2021)⁴.

Os pesquisadores pretenderam avaliar o impacto da pandemia de COVID-19 no comportamento de crianças do espectro autista por meio do autorrelato dos seus cuidadores e comparar as características psicossociais das crianças com autismo antes e durante a pandemia de COVID-19.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo original, transversal e descritivo, com o objetivo de analisar as mudanças sociais e comportamentais diante ao cenário pandêmico em crianças do espectro autista, através da percepção de cuidadores. Após a permissão do Comitê de Ética em Pesquisa, sob o número do parecer 5.821.678/2022 o questionário elaborado no Google Forms com 25 questões adaptadas do Inventário Child Behavior Checklist (CBCL/6-18) foi enviado para 32 cuidadores de crianças autistas por meio de grupos abertos em redes sociais como Facebook, Instagram e WhatsApp.

Foram incluídos na pesquisa apenas os dados dos participantes que deram aceite no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que responderam ao formulário integralmente, sendo estes cuidadores de crianças, de 6 a 12 anos com Transtorno do Espectro Autista independente de identidade de gênero.

A análise dos dados foi realizada de forma qualitativa e quantitativa, de forma que os dados foram tabulados e analisados com a utilização de estatística descritiva dos dados coletados e teste de normalidade.

3 RESULTADOS

3.1. Descrição do público amostral

A partir dos formulários enviados aos cuidadores, foram coletadas informações sobre 32 infantes. As idades dos informantes e das crianças estão descritas na Tabela 1.

Tabela 1: Análise descritiva com relação às variáveis de idade do informante e das crianças

	Idade do informante	Idade da criança
n	32	32
Média	38,91	7,75
Mediana	41,00	7,50
Moda	42	4
Erro Desvio	9,75	3,78
Mínimo	20	3
Máximo	58	16

Ao que urge aos resultados perante as idades, aqueles com 4 e 8 anos somaram a grande maioria, totalizando 37,5%. Cada uma das faixas etárias 9, 12 e 13 anos contaram com 3,12%. As idades de 3, 6, 7, 14 e 16 contaram com 6,25% dos participantes. Por fim, 9,37% (n=3) apresentavam 10 anos. Nesse cenário, também foi observado que 81,3% das respostas estão relacionadas a crianças do sexo masculino e 18,8% do sexo feminino (Tabela 1).

Concernente às idades dos informantes, entre 20 e 30 anos totalizaram 7 indivíduos (21,87%), entre 31 e 40 anos 28,12%. Entre 41 e 50, foram 13 pessoas (40,62%) e acima de 50 anos, 9,37% (Tabela 1). Por fim, em relação ao grau de parentesco, obteve-se 81,3% das respostas de pais biológicos, 6,2% de professoras.

3.2. Interação dos infantes com outras crianças antes da pandemia de COVID-19 e atualmente

Quando questionados sobre o contato entre a criança com outras da mesma idade, 7 cuidadores (21,9%) apontaram piora das relações, ao passo que 21,9% indicaram melhora. Ademais, 46,9% referiram que as relações permaneceram iguais e 3 cuidadores (9,4%) referiram que a criança não tem contato com outros infantes (Tabela 2)

Tabela 2: Relacionamento com os irmãos/ irmãs e com outras crianças da mesma idade

Relacionamento com os irmãos	n	%
Já se dava bem com os (as) irmãos (irmãs) e continua igual	11	34,4
Não se dava bem com os (as) irmãos (irmãs) e continua igual	1	3,1
Não tem contato com os irmãos/irmãs	3	9,4
Não tem irmãos/irmãs	10	31,3
Não, passou a se dar pior com os (as) irmãos (irmãs)	4	12,5
Sim, passou a se dar melhor com os (as) irmãos (irmãs)	3	9,4
Total	32	100,0
Relacionamento com outras crianças da mesma idade	n	%
Já se dava bem com outras crianças da mesma idade e continua igual	22	68,8
Não tem contato com outras crianças da mesma idade	3	9,4
Sim, passou a se dar melhor com outras crianças da mesma idade	7	21,9
Total	32	100,0

No que diz respeito às relações com os pais, 31 informantes relataram mudanças no caráter das interações, dos quais 14 (43,8%) informaram que a criança passou a se comportar melhor com o pai/mãe após o início da pandemia de COVID-19, enquanto 18,8% indicaram uma deterioração dos vínculos. Entretanto, 34,4% não apresentaram mudanças de interação.

Tabela 3: Independência no dia a dia

Independência no dia a dia	n	%
Já tinha o costume de brincar/ trabalhar sozinha e continua a mesma coisa	16	50,0
Não tinha o costume de brincar/ trabalhar sozinha e continua mesma coisa	4	12,5
Não, passou a preferir brincar/ trabalhar acompanhado(a)	5	15,6
Sim, passou a brincar/ trabalhar sozinho(a)	6	18,8
Não sei	1	3,1
Total	32	100,0

No tocante à independência no dia a dia, 11 cuidadores (34,4%) relataram mudança no comportamento da criança, sendo que destes, 18,8% apontaram que o infante passou a brincar ou trabalhar sozinho após o início da pandemia de COVID-19, enquanto 15,6% indicaram o contrário, que houve o desenvolvimento de maior dependência. Em contrapartida, 20 dos informantes (62,5%) observaram que não houve mudanças na independência da criança no período pandêmico. (Tabela 3).

3.3. Comportamento das crianças antes e durante a pandemia de COVID-19

Quanto à dificuldade em terminar as atividades que começa, obteve-se 7 respostas sobre a ausência do comportamento em ambos os períodos (21,9%), 5 informantes referindo-se à atitude presente apenas antes da pandemia de COVID-19 (15,6%) e, 6 respostas relacionadas ao hábito presente apenas durante a pandemia (18,8%). O comportamento só esteve presente em ambos os períodos em 13 indivíduos (40,6%).

No que concerne à agitação da criança com autismo, 17 informantes notificaram que a atitude estava presente em ambos os períodos (53,1%), 4 adultos referiram-se ao caso apenas durante a pandemia de COVID-19 (12,5%) e, 3 relataram o hábito apenas antes da pandemia de COVID-19 (9,4%).

Tabela 4: Análise descritiva do comportamento das crianças antes e durante a pandemia de COVID-19

Análise descritiva quanto ao comportamento das crianças antes e durante a pandemia de COVID-19	Comportamento ausente antes da pandemia e presente durante a pandemia.	Comportamento ausente: antes e durante a pandemia.	Comportamento presente antes da pandemia e ausente durante a pandemia.	Comportamento presente: antes e durante a pandemia	Não sei
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
Parece ter dificuldade em terminar as coisas que começa	6 (18,8)	7 (21,9)	5 (15,6)	13 (40,6)	1 (3,1)
Parece demonstrar interesse em poucas coisas	5 (15,6)	9 (28,1)	4 (12,5)	12 (37,5)	2 (6,3)
Parece não conseguir prestar atenção por muito tempo	3 (9,4)	13 (40,6)	1 (3,1)	15 (46,9)	0
Parece não conseguir tirar certos pensamentos da cabeça	6 (18,8)	11 (34,4)	1 (3,1)	8 (25)	6 (18,8)
É agitado(a)	4 (12,5)	8 (25)	3 (9,4)	17 (53,1)	0
Fica grudado (a) nos adultos	3 (9,4)	11 (34,4)	4 (12,5)	14 (43,8)	0
Queixa-se de solidão	3 (9,4)	17 (53,1)	1 (3,1)	3 (9,4)	8 (25)
Parece estar confuso (a), atordoado (a)	8 (25)	13 (40,6)	2 (6,3)	5 (15,6)	4 (12,5)

Tabela 4: Análise descritiva do comportamento das crianças antes e durante a pandemia de COVID-19 (continuação)

Chora muito	10 (31,3)	14 (43,8)	3 (9,4)	5 (15,6)	0
Tem "mania de perfeição", parece achar que tem que fazer tudo certinho	17 (53,1)	0	3 (9,4)	10 (31,3)	2 (6,3)
Parece achar que ninguém gosta dele (a)	1 (3,1)	20 (62,5)	2 (6,3)	5 (15,6)	4 (12,5)
Machuca-se com frequência, tem tendência a sofrer acidentes	3 (9,4)	17 (53,1)	2 (6,3)	9 (28,1)	1 (3,1)
Apresenta comportamento agressivo	10 (31,3)	13 (40,6)	3 (9,4)	6 (18,8)	0
Parece preferir ficar sozinho(a) do que na companhia de outros	5 (15,6)	11 (34,1)	5 (15,6)	11 (34,4)	0
Tem mudanças repentinas de humor ou sentimentos	5 (15,6)	11 (34,4)	4 (12,5)	12 (37,5)	0

Como pode-se observar na Tabela 4, quanto a “ficar grudado(a) com os adultos”, 14 participantes referiram-se a presença desse comportamento antes e durante a pandemia (43,8%), 3 participantes relataram que esse comportamento esteve presente apenas durante a pandemia (9,4%), e 12,5% antes da pandemia.

Quanto ao choro e a agressividade, ambas estatísticas apresentaram os mesmos resultados, sendo 10 respostas referente à presença do comportamento durante a pandemia e

sua ausência no período pré-pandêmico (31,3%). No que diz respeito à unidade familiar, 14 cuidadores (43,75%) indicaram uma boa relação com os(as) irmãos/irmãs, sendo que 11 destes informaram que tal característica já era presente antes do período pandêmico. Por outro lado, 5 crianças (15,62%) apresentaram más relações entre irmãos/irmãs, dos quais 4 relataram piora nos casos (Tabela 4).

Sobre preferir estar só a com companhia de outro, 1/3 dos responsáveis referiram alteração de comportamento: 5 informantes relataram a circunstância apenas antes da pandemia (15,6%), 5 responderam que o caso esteve presente apenas durante a pandemia (15,6%). (Tabela 4).

3.3. Outras alterações no comportamento da criança com TEA durante a pandemia

Referente ao tema supradito, 14 pessoas responderam que a alteração não se fez presente durante a pandemia (43,8%), diferenciando de outras 56,2% respostas, cujo mudança ocorreu.

No que concerne às alterações durante a pandemia, foram descritas as seguintes: aumento e diminuição da sociabilização, regressão na fala e desenvolvimento, aumento da ansiedade e dependência, dificuldade para dormir, desinteresse nos estudos, crises sensoriais em maior frequência, aumento da agressividade com outros e consigo mesmo e crises de choro, cada item obteve apenas uma resposta (n=1). (Tabela 5)

Tabela 5: Análise descritiva ao que concerne às outras alterações de comportamento

Análise descritiva de outras alterações	n	%
“Agressivo e super nervoso”	1	3,1
“Com o tempo foi ficando confuso e agressivo.”	1	3,1
“Comportamento menos comunicativo”	1	3,1
“Crises sensoriais frequentes”	1	3,1
“Desinteresse nos estudos”	1	3,1
“Devido a perda do pai ficou mais independente, mais com tudo mais nervoso e ansioso”	1	3,1
“Ele ficou mais agitado e agressivo durante a pandemia, não dormia bem a noite chorava muito”	1	3,1
“Ficou mais dependente”	1	3,1
“Gostava de brincar sozinho”	1	3,1
“Melhor sociabilização”	1	3,1

**Tabela 5: Análise descritiva ao que concerne às outras alterações de comportamento
(continuação)**

“Não”	1	3,1
“Necessidade de querer estar no parquinho mais horas e mais dias”	1	3,1
“O esquecimento de palavras a gagueira”	1	3,1
“Ocioso, dormindo pior.”	1	3,1
“Passou a falar mais”	1	3,1
“Por não poder sair de casa, tv e celular ficou mais presente na vida do meu filho é com isso, regrediu muito na fala e desenvolvimento.”	1	3,1
“Totalmente desregulado”	1	3,1
“Voltou a fazer xixi na roupa, teve muita constipação começou a se morder e morder os outros, acordava a noite gritando se mordida batia, parou de comer alguns alimentos, chorava muito por que não podia ir à escola, parque, natação, ficou todo o período sem terapia, quando podia sair que ele via gente ficava com medo tínhamos que ir embora, o barulho passou a incomodar coisa que antes não incomodava.”	1	3,1
“Vontade de estar com as pessoas, obs: devido à covid houve um aumento do alpha e beta cerebral, teve miosite que afetou a parte motora.”	1	3,1
Total	32	100,0

Destes em que a variação esteve presente, 37,5% (12) das respostas informaram que o comportamento ainda se mantém pós-cenário. Em contrapartida, 21,9% (7) das respostas aludiram à persistência das alterações e, 40,6% dos informantes não responderam à pergunta.

4 DISCUSSÃO

A presente pesquisa contou com informações acerca do comportamento de 26 crianças do sexo masculino (81,3%) e 6 do sexo feminino (18,8%), o que indica maior prevalência de TEA em meninos. Tal achado corrobora o observado por Fombonne⁵ (2009) que estipulou a prevalência de TEA quatro vezes maior entre homens quando comparados às mulheres.

Entretanto, Loomes et al.⁶ (2017) sugerem que o maior número de casos do sexo masculino seja, na realidade, devido ao subdiagnóstico de TEA no sexo feminino. Estudos que buscaram justificar tal discrepância entre o diagnóstico de meninos e meninas apontaram que o fenótipo do autismo feminino, uma manifestação específica do transtorno que é mais sutil e diferente das apresentações geralmente conceituadas, esteja por trás do diagnóstico muitas vezes errôneo, negligenciado ou tardio de garotas autistas (VAN WIJNGAARDEN-CREMERS

et al., 2014; LOOMES et al., 2017)^{7,6}. Posserud et al.⁸ (2006) observaram que as meninas tendem a camuflar comportamentos característicos de TEA, o que torna o diagnóstico mais desafiador. Além disso, as garotas com TEA apresentam maior facilidade de imitar comportamento que são aceitos socialmente (ALLELY, 2019)⁹.

A média de idade das crianças autistas incluídas na pesquisa foi de 7,5 anos, sendo que a idade mais prevalente foi 4 anos. Posserud et al.⁸ (2006) argumentam que a idade não impactou significativamente na pontuação de sintomas relatados por pais ou professores durante o estudo. Contudo, Van Wijngaarden-Cremers et al.⁷ (2014) afirmam que a idade relacionada com o gênero pode influenciar de forma relevante na gravidade dos sintomas do TEA. Nesse sentido, os autores exemplificam que comportamentos repetitivos e estereotipados são mais comuns em meninos a partir dos seis anos de idade.

O estudo indicou que as crianças com TEA se encontram predominantemente, sob os cuidados de indivíduos do sexo feminino, sendo que as principais detentoras desta responsabilidade são as mães. Tal fato foi igualmente indicado pelas observações de Lima e Couto¹⁰ (2020) e de Givigi et al.¹¹ (2021), que também obtiveram a figura materna majoritariamente como as responsáveis pela participação nas pesquisas de crianças com TEA.

No que diz respeito ao desempenho escolar dessas crianças, o atual estudo revelou que, a partir das percepções dos cuidadores, não houve melhora ou piora após a implementação do regime de quarentena. O mesmo desfecho foi observado no trabalho de Costa et al.¹² (2023), no qual 43,9% dos cuidadores relataram piora no desempenho e outros 24,4% referiram interrupção da frequência à escola. Da mesma forma, Amorim et al.¹³ (2020) observou impactos negativos no aprendizado por ensino remoto durante a pandemia segundo a percepção dos cuidadores. Tais achados podem ser explicados pela dificuldade das crianças com TEA em compreender a mudança das práticas escolares do presencial para o remoto (PARENTEAU et al., 2020)¹⁴.

No que tange o comportamento atual da criança em comparação ao período antes da pandemia, de acordo com a percepção dos cuidadores de infantes autistas, houve alterações comportamentais. Às situações apresentadas, majoritariamente, observou-se a conservação dos hábitos, principalmente no que se refere à consolidação de socialização. Entretanto, houve mudanças positivas e prevalentes em referência à relação com os responsáveis. A pesquisa de Palacio-Ortiz et al.¹⁵ (2020) demonstrou que os infantes autistas teriam reações favoráveis no cenário pandêmico se estivessem sob a responsabilidade e companhia de um adulto estável e calmo, o que pode justificar as pequenas mudanças de comportamento da criança, além do progresso na interação com o responsável.

Consoante ao comportamento da criança durante o cenário pandêmico, foi observado que, a maioria das alterações, foram consideradas “poucas” em relação às atitudes da infante, ou seja, a circunstância fez-se presente ou ausente em ambos os períodos comparados. É possível que as mudanças comportamentais, como aumento do estresse social e diminuição do bem-estar e satisfação dos autistas, possam ser observadas a partir do confronto entre a saída do confinamento e volta às atividades cotidianas (ALONSO-ESTEBAN et al., 2021)⁴. Nada obstante, durante a pandemia de COVID-19, o choro, o comportamento agressivo e a dificuldade em terminar as atividades que inicia, mostraram-se mais evidentes somente nesta época. Em concordância ao supradito, a ansiedade e a angústia são fatores que podem desencadear reações de agitação intensa e agressividade autodirigida, também conhecida de “comportamento-problema” (POSAR et al., 2018)¹⁶.

No que concerne às alterações comportamentais da criança durante a pandemia os resultados indicam que houve um déficit de comunicação e desenvolvimento. Em concordância ao supradito, observou-se que cenários de isolamento na infância acarretam, de fato, prejuízos no aprendizado de novas habilidades, principalmente na performance escolar e no progresso cognitivo (ALMEIDA et al., 2022)³. Deste mesmo modo, apesar dos impactos cognitivos ainda não serem completamente elucidados por falta de estudos suficientes, o fechamento das escolas e dos suportes educacionais, tais como terapias ocupacionais, pode trazer impactos significativos aos infantes (AMORIM et al., 2020)¹³.

No que tange a independência infantil, Alonso-Esteban et al.⁴, (2021) demonstra que os pais de crianças com TEA afirmaram que os filhos apresentaram maior participação na rotina familiar, maior comunicação com os pais e maiores níveis de autonomia no autocuidado durante o confinamento. De maneira semelhante, Coelho-Medeiros et al.¹⁷ (2022) observou uma melhora na independência das crianças autistas durante a pandemia quando comparada aos hábitos pré-pandêmicos, principalmente nas práticas de higiene pessoal, alimentação e autorregulação do tempo de brincadeiras.

Givigi et al.¹¹ (2021) relata que os comportamentos negativos das crianças autistas em relação à interação estão relacionados, principalmente, com o isolamento próprio e formas de evitar o outro. Além de demonstrar que infantes com autismo e que têm irmãos, desempenharam uma melhor adaptação em casa durante o isolamento, sendo relatado como uma mudança positiva no comportamento do indivíduo. De forma concomitante, Di Renzo et al. (2020) observaram melhora na relação com os pais através de maior envolvimento visual, comunicação verbal e não-verbal e, com os irmãos a partir de brincadeiras e na qualidade do relacionamento.

Nesse mesmo contexto, notou-se modificações no âmbito emocional e psicológico, representadas por um aumento no nervosismo, ansiedade, agitação e agressividade. Por fim, a grande maioria dos cuidadores refere que tais comportamentos não se extinguiram. Em conformidade, o processo de confinamento trouxe impactos negativos diretos na condição psicológica, incluindo a ansiedade, tristeza, depressão, culpa e nervosismo, efeitos dos quais podem dificultar as inter-relações sociais e familiares (ALMEIDA et al., 2022)³. Allely⁹ (2018) apontou maior ocorrência de manifestações como distúrbios do sono, ansiedade e depressão em meninas com TEA em comparação com meninos com o mesmo diagnóstico.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No que urge aos dados apresentados e discutidos acima, é possível concluir que o período pandêmico trouxe impactos comportamentais em crianças autistas. Neste cenário, o confinamento agravou em aspectos psicológicos, emocionais e sociais nos padecentes, no qual observou-se o aumento de nervosismo, ansiedade e outros distúrbios psicológicos, as quais impactaram também nas relações familiares de forma negativa, quanto positiva.

Outrossim, houve um déficit no desenvolvimento na comunicação dos infantes, sendo tal fator importante na maturação social do indivíduo. Em contrapartida, observou-se que a presença de um cuidador emocionalmente estável proporcionou um progresso na mudança comportamental da criança, a qual passou a se comunicar melhor.

Neste período, foi notável que houve, ainda, dificuldade na demonstração de afetos e emoções. Ademais, analisou-se que o retorno aos padrões de vida fora do cenário pandêmico, foi um fator contribuinte para a diminuição do bem-estar da criança autista, devido à nova readaptação.

Neste sentido, a pandemia de COVID-19 foi um período desafiador para crianças autistas e os respectivos cuidadores, o qual impactou negativamente e positivamente em diversos âmbitos, principalmente comportamental, na vida dos supraditos. Indubitavelmente, ainda são necessários mais estudos para elucidar todos os impactos, como os cognitivos ou comportamentais, durante este período.

REFERÊNCIAS

- ¹ Panda PK, Gupta J, Chowdhury SR, Kumar R, Meena AK, Madaan P, et al. **Psychological and Behavioral Impact of Lockdown and Quarantine Measures for COVID-19 Pandemic on Children, Adolescents and Caregivers: A Systematic Review and Meta-Analysis.** *J Trop Pediatr.* 2021;67(1):fmaa122.
- ² Monteiro MA, dos Santos AAA, Gomes LMM, Rito RVVF. **Autism spectrum disorder: A systematic review about nutritional interventions.** *Rev Paul Pediatr.* 2020;38:e2018262.
- ³ Almeida IL de L, Rego JF, Teixeira ACG, Moreira MR. **Social isolation and its impact on child and adolescent development: a systematic review.** *Rev Paul Pediatr.* 2022;40:e2020385.
- ⁴ Alonso-Esteban Y, López-Ramón MF, Moreno-Campos V, Navarro-Pardo E, Alcantud-Marín F. **A systematic review on the impact of the social confinement on people with autism spectrum disorder and their caregivers during the covid-19 pandemic.** *Brain Sci.* 2021;11(11):1389.
- ⁵ Fombonne E. **Epidemiology of pervasive developmental disorders.** *Pediatr Res.* 2009;65(6):591–8.
- ⁶ Loomes R, Hull L, Mandy WPL. **What is the male-to-female ratio in autism spectrum disorder? A systematic review and meta-analysis.** *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry.* 2017;56(6):466–74.
- ⁷ Van Wijngaarden-Cremers PJM, van Eeten E, Groen WB, Van Deurzen PA, Oosterling IJ, Van der Gaag RJ. **Gender and age differences in the core triad of impairments in autism spectrum disorders: A systematic review and meta-analysis.** *J Autism Dev Disord.* 2014;44(3):627–35.
- ⁸ Posserud M-B, Lundervold AJ, Gillberg C. **Autistic features in a total population of 7–9-year-old children assessed by the ASSQ (Autism Spectrum Screening Questionnaire).** *J Child Psychol Psychiatry.* 2006;47(2):167–75.
- ⁹ Allely CS. **Understanding and recognising the female phenotype of autism spectrum disorder and the “camouflage” hypothesis: a systematic PRISMA review.** *Adv Autism.* 2019;5(1):14–37.
- ¹⁰ Lima RC, Couto MCV. **Percepções sobre o autismo e experiências de sobrecarga no cuidado cotidiano: estudo com familiares de CAPSi da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.** *Cad. Bras. Saúde Ment.* 2020;12(31):217-244.
- ¹¹ Givigi RCN, Silva RS, Menezes EC, Santana JRS, Teixeira CMP. **Efeitos do isolamento na pandemia por COVID-19 no comportamento de crianças e adolescentes com autismo.** *Rev latinoam psicopatol fundam.* 2021;24(3):618-640.
- ¹² Costa RT de S, Da Costa RN, Moura IMV, Mendonça IM, Fachin LP, De Araújo MMR. **Adaptação de crianças com Transtorno do Espectro Autista à pandemia da COVID-19.** *Braz J Hea Rev.* 2023;6(5):20563–73.

- ¹³ Amorim R, Catarino S, Miragaia P, Ferreras C, Viana V, Guardiano M. **Impacto de la COVID-19 en niños con trastorno del espectro autista.** *Rev Neurol.* 2020;71(08):285.
- ¹⁴ Parenteau CI, Bent S, Hossain B, Chen Y, Widjaja F, Breard M, et al. **COVID-19 related challenges and advice from parents of children with autism spectrum disorder.** *SciMed J.* 2020;2:73–82.
- ¹⁵ Palacio-Ortiz JD, Londoño-Herrera JP, Nanclares-Márquez A, Robledo-Rengifo P, Quintero-Cadavid CP. **Psychiatric disorders in children and adolescents during the COVID-19 pandemic.** *Rev Colomb Psiquiatr (Engl Ed).* 2020;49(4):279–88.
- ¹⁶ Posar A, Visconti P. **Sensory abnormalities in children with autism spectrum disorder.** *J Pediatr.* 2018;94(4):342–50.
- ¹⁷ Coelho-Medeiros ME, Gálvez AP, Núñez Farías AC, Le Roy C, Riquelme A, López-Espejo M. **Impacto del confinamiento en pandemia COVID-19 en la conducta de niños, niñas y adolescentes con trastorno del espectro autista.** *Andes Pediatr.* 2022;93(6):832.
- ¹⁸ Di RENZO M, Di CASTELBIANCO FB, VANADIA E, PETRILLO M, D'ERRICO S, RACINARO L, REA M. **Parent-Reported Behavioural Changes in Children With Autism Spectrum Disorder During the COVID-19 Lockdown in Italy.** *Contin Educ.* 22;1(1):117-125.